

Cultura escrita e narrativa autobiográfica:

implicações na formação docente

Josélia Gomes Neves

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

CAMARGO, MRRM., org., SANTOS, VCC., collab. *Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 140 p. ISBN 978-85-7983-126-3. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

8

CULTURA ESCRITA E NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA: IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO DOCENTE

Josélia Gomes Neves¹

Introdução

Este trabalho constitui parte do primeiro capítulo da tese de doutorado (Neves, 2009) e está dividido em dois tópicos: inicialmente trata de uma reflexão sobre o exercício de se aventurar na pesquisa autobiográfica – as perguntas, as construções de respostas, os dilemas e os ajustes. Posteriormente, registro aspectos relativos ao início da carreira docente, no período de 1986 a 1990, oportunidade em que dialogo com elementos teóricos que contribuem na construção de significados acerca da gestão pedagógica em sala de aula e no sistema estadual de educação, a Seduc, Rondônia.

1 Possui graduação em Pedagogia pela Fundação Universidade Federal de Rondônia (Unir, 1989), especialização em Psicopedagogia (Ucam), mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pela Unir (2004) e doutorado em Educação Escolar pela Unesp, *campus* de Araraquara (2009). É professora da Unir, *campus* de Ji-Paraná, e líder do Grupo de Pesquisa em Educação na Amazônia (Gpea). Leciona no curso de Pedagogia a disciplina de Educação com os Povos da Floresta. Estuda educação escolar intercultural e cultura escrita em contextos de tradição oral: indígenas, extrativistas, quilombolas e ribeirinhos.

Dos registros da escrita

O autorrelato pode ser tomado como um *locus* privilegiado do encontro entre a vida íntima do indivíduo e sua inscrição numa história social e cultural. A biografia, ao tornar-se discurso narrado pelo sujeito autor e protagonista, instaura sempre um campo de renegociação e reinvenção identitária. (Carvalho, p.1)

O estudo autobiográfico permite o encontro de múltiplas possibilidades onde o eu pessoal dialoga com o eu social – sou a autora e a narradora do texto ao mesmo tempo e, por meio da autoescuta, posso comunicar ao mundo determinadas coisas que avalio serem importantes. Essa experiência representou então um hibridismo, que envolveu lembranças e registros escritos, narrativa que partia de uma história pessoal, resultando em um exercício que aliou conhecimento, experiência e formação, um olhar para o caminho percorrido, quem sabe, uma forma de lidar com perguntas e inquietações, pois:

Talvez [...] não sejamos outra coisa que não um modo particular de contarmos o que somos. E, para isso, para contarmos o que somos talvez não tenhamos outra possibilidade senão percorrermos de novo as ruínas de nossa biblioteca, para aí tentar recolher as palavras que falem por nós. [...] Que podemos cada um de nós fazer sem transformar nossa inquietude numa história? [...] não será talvez a forma sempre provisória e a ponto de desmoronar que damos ao trabalho infinito de distrair, de consolar ou de acalmar com histórias pessoais aquilo que nos inquieta? (Larrosa, 1999, p.7).

A pesquisa autobiográfica enquanto parte de minha tese, foi uma escrita de idas e vindas, pois as lembranças não ocorriam linearmente, mas quase de forma caótica. Em alguns momentos, parecia que estava sozinha, mas ao mesmo tempo me sentia rodeada de muitas, muitas presenças... “[...] Minha escrita brota da solidão, do fundo desta solidão encontro pessoas, ideias e pensamentos.

Minha solidão está povoada de vozes, de textos, de palavras, de encontros, histórias, acontecimentos e imagens”. (Pérez, p.1). A necessidade de pensar, contextualizar Rondônia, local onde moro e desenvolvi minha pesquisa, a partir de eventos relacionados a minha vida pessoal e profissional, assumiu a perspectiva de compreender que “[...] a relação entre a experiência vivida e o lembrado pode abrir pistas para o que podemos entender como formação” (Camargo, p.1). Portanto, uma atividade desafiadora, à medida que envolveu uma série de riscos, como o de evitar a invenção excessiva – sim, porque se a narrativa é uma forma de ressignificação, é possível inventar fatos, no entanto, é preciso compreender que:

Quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida dando-lhe novos significados. Assim, a narrativa não é a verdade literal dos fatos, mas, antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformadora da própria realidade. (Cunha, p.2)

No decorrer do trabalho observei que a escrita, aos poucos, ia evidenciando vários temas – e provavelmente silenciando outros – como as aproximações entre a militância política e os movimentos a favor da educação da maioria, da educação pública o que se constituiu como espaço formador na minha vida, pois me ajudaram, sobretudo, a entender de que lado estou, a quem eu sirvo, um sentimento, uma identidade que “[...] foi se fortalecendo, algo que poderia nomear como responsabilidade, como ser social, cultural, histórico, político, que também sou. E dessa não pretendo abrir mão”. (Camargo, p.122). Até porque, se entendo que a vida é permeada de escolhas, “[...] Se a minha não é uma presença neutra na história, devo assumir tão criticamente quanto possível sua politicidade. (Freire, 2000, p.14).

Percebi a existência dos riscos logo nas primeiras laudas: a própria exposição no texto – a decisão entre o que deveria e merecia ser narrado, celebrado e o que deveria ser omitido; as descrições, as análises; como evitar a tendenciosidade, sem cair na cilada de trans-

formar este momento em uma vaidade improdutiva; o suspeitar da linearidade dos eventos, estar atenta ao fato de que: “Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma retórica [...] uma representação comum da existência [...]” (Bourdieu, p.185).

A oportunidade de refazer minha trajetória de vida em um escrito vinculado ao lugar que escolhi para viver (Rondônia) significou pensar a respeito de alguns eventos que da forma como aconteceram parecem sugerir, em algumas situações, a necessidade de continuidade, de retomada, uma sensação de um passado que “fala”, que “sussurra” perspectivas, possibilidades futuras e até reiteraões, o diálogo entre a experiência e aquilo que está sendo contado:

As pessoas vão contando suas experiências, crenças e expectativas e, ao mesmo tempo, vão anunciando novas possibilidades, intenções e projetos. Às vezes, torna-se até difícil separar o vivido do que está por viver. Experiência e narrativa se imbricam e se tornam parte da expressão de vida de um sujeito. É por isso que se pode afirmar que a escrita sobre uma realidade pode afetar esta mesma realidade, pois assim como são os pensamentos que orientam a ação racional, a narração conduzirá ao desempenho de fatos vitais. (Cunha, p.1)

E avalio que existem, nestes tipos de escrita, situações que precisam permanecer no esquecimento, esquecimento este, que parece, está ligado a várias ordens, e que nem sempre são efetivamente esquecidos, pois:

[...] existem nas lembranças de uns e de outros, zonas de sombra, silêncios, “não ditos”. As fronteiras desses silêncios e “não ditos” com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de

ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos. (Pollak, p.6)

O exercício de escrita pessoal e o olhar posterior para estas narrativas fundamentadas na memória, representam um recurso metodológico de pesquisa, pois caracteriza-se em um esforço individual que busca elaborar uma ideia aparentemente distanciada de nós: “[...] Os textos do “passado” também dizem o presente, não porque se encadeiem em um emaranhado de causalidades, mas porque o presente contém todo passado, já que o passado só existe enquanto discurso do presente [...]” (Barbosa, p.1). Assim, essa construção não se situa no terreno da neutralidade, já que leva em conta a preocupação de como a pessoa se coloca no texto, o que vai demandar importantes decisões envolvendo preocupações sobre o que pode contar e de que forma pode contar estas narrativas.

Outra questão que se colocou foi que, embora estas sejam as minhas memórias, elas estão “coladas” a contextos que envolvem situações marcantes, temporalidades, lugares e, sobretudo, pessoas que influenciaram significativamente meu modo de viver e de trabalhar na educação. Então poderia mencionar seus nomes sem consultá-las? Até que ponto esta memória é apenas individual ou dialoga também com o social?

[...] o modo de lembrar é individual tanto quanto social: o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-la, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária, no que lembra e no como lembra [...]. O tempo da memória é social, não só porque é o calendário do trabalho e da festa, do evento político e do fato insólito, mas também porque repercute no modo de lembrar. (Chauí, p.30)

E de onde surgiu meu interesse pelo registro autobiográfico? Por que apresentar a contextualização de Rondônia a partir da minha história? Localizo nas leituras de Paulo Freire como, por exemplo, *Cartas a Cristina*: reflexões sobre minha vida e minha práxis,

este tipo de recurso: discutir um determinado assunto vinculado a sua vida pessoal, que além de contribuir para o sentido do texto, legitimava as afirmações. “Anos mais tarde [...] me seria fácil compreender quão difícil era para meninas e meninos proletários submetidos ao rigor de uma fome maior e mais sistemática do que a que eu tivera [...] alcançar um razoável índice de aprendizagem. (Freire, 2003, p.40). Paulo Freire provavelmente reconhecia que sua identidade – o que ele foi enquanto pessoa e educador – tinha profundas relações com as experiências que vivenciou. Os comportamentos e valores sustentados em sua história pessoal constituíam presenças visíveis nas suas ações, tendo em vista, talvez o hábito de periodicamente problematizar a própria existência por meio da reflexão sobre a experiência. Inegavelmente os escritos freireanos influenciam minha forma de pensar, dado principalmente à profunda identificação com o pessoal e o profissional Paulo Freire, de forma que a reflexão crítica sobre a experiência permite compreender os elementos que a fundamentam, sugerindo intervenções.

Lembro também do livro *Confissões*, de Darcy Ribeiro (1997) que li em tempo recorde, penso que em três dias, e o melhor, naquele tempo meu filho tinha apenas 12 anos e eu fazia tantos comentários sobre esta leitura, sobre o jeito delicioso que Darcy narrava sua história – lia pequenos fragmentos – que o Marcos Werley acabou me acompanhando na leitura deste livro até o final: “[...] Quero muito que estas minhas *Confissões* comovam. Para isso as escrevi, dia a dia [...] Sem nada tirar por vexame ou mesquinhez nem nada acrescentar por tolo orgulho. [...] querendo mais vida, mais amor, mais saber, mais travessuras” (Ribeiro, p.12).

As leituras desenvolvidas nas referências que fundamentam este texto sugerem que as experiências ao nos marcarem também nos formam, provocam novas elaborações. Os comportamentos, os princípios e os valores têm sustentação em nossas histórias de vida e, que por sua vez constituem poderosos dispositivos que impulsionam ou influenciam nossas ações, mesmo quando não nos damos conta disso. Desta forma, a experiência é formadora, é possibilitadora de conhecimentos, é exclusiva de cada pessoa:

É experiência aquilo que nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao passar-nos nos forma e nos transforma... Esse é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao largo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem sentido do que nos acontece... Por isso ninguém pode aprender da experiência de outro a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria. (Larrosa, 2001, p.1)

A relação de reciprocidade entre a narrativa e a experiência, é algo não só espantoso, mas que precisa ser considerado, compreendido, pois: “[...] assim como a experiência produz o discurso, este também produz a experiência. Há um processo dialético nesta relação que provoca mútuas influências”. (Cunha, p.1). Daí que o binômio ação/reflexão sobre a ação constitui as duas faces da mesma moeda, além das implicações diretas sobre a ação pedagógica, que sofre influências oriundas do próprio perfil, bem como da trajetória profissional, uma vez que:

Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória, às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós, em nós, um gesto tímido, a mão que se apertou, o sorriso que se perdeu num tempo de incompreensões, uma frase, uma pura frase possivelmente já olvidada por quem a disse. Uma palavra portanto tempo ensaiada e jamais dita, afagada sempre na inibição, no medo de ser recusado que, implicando a falta de confiança em nós mesmos, significa também a negação do risco. (Freire, 1993, p.16-17)

Foi confortável desenvolver esta pesquisa num tempo em que a memória assume um espaço de visibilidade extraordinária. Legado certamente de vários campos do conhecimento como a Antropologia e seus estudos etnográficos e a História, sobretudo a oral, a

temática do cotidiano... A relevância das lembranças, a interpretação do passado, como elementos presentes em nosso fazer pessoal e profissional, atuam como subsídios mobilizadores de nossas eternas buscas e procuras:

“[...] a autobiografia [...] um dispositivo potencializador da emancipação: [...], nossas trajetórias singulares, nossas diferentes formas de estar sendo no mundo; nossas interrogações [...] são marcas invisíveis presentes na organização de nossas investigações”. (Pérez, p.4)

Profissão: professora

Pensar é perder-se em galerias que só existem porque as cavamos incansavelmente, girar no fundo de um beco cujo acesso se fechou atrás de nossos passos – até que essa rotação, inexplicavelmente, abra, na parede, fendas por onde se pode passar. (Castoriadis, p.7-8)

Iniciei a carreira docente na educação infantil logo após a conclusão do curso de Magistério. Era uma turma composta de crianças entre cinco a sete anos (completos após 30 de junho). Tinha como preocupação central fazer da escola um local agradável, onde se podia aprender coisas bacanas como cantar, ouvir e contar histórias, representá-las, desenhá-las e a partir dos conhecimentos disponíveis, escrevê-las. Como material didático utilizava a cartilha *Pipoca*, que escrita em preto e branco mobilizava muito a atenção das crianças para pintá-la. Mensalmente comemorávamos os aniversariantes do mês, o que para a maioria das crianças era algo inédito. Tudo isso fazia sentido, pois este bairro localizava-se em área periférica, marcada pela ausência de políticas públicas; as ruas eram apenas estreitos caminhos, o prédio da escola era uma construção de madeira rústica feita pelos próprios moradores.

O fato é que no segundo ano de trabalho houve uma visibilidade grande em torno da Educação Infantil nesta escola em função de

que várias crianças aprenderam a ler e escrever, e nem eu mesma sabia direito como tinha acontecido. A questão é que naquela época, nem eu e nem as crianças estávamos autorizadas a isso, pois o ensino e a aprendizagem da leitura e escrita só deveriam acontecer na primeira série, aos sete anos completos, já que o debate central era: deve-se ou não alfabetizar na pré-escola? Aos poucos fui problematizando a questão: por que na pré-escola da rede privada as crianças podiam aprender a ler e a escrever e na pública não? Razões ideológicas que, a meu ver, definem o que vale para um sistema e não valem para o outro, provavelmente fundamentados naqueles superficiais argumentos – prontidão para a alfabetização, por exemplo, que foram superados pelos estudos construtivistas.

Desta turma de Educação Infantil, algumas das alunas eu pude reencontrar tempos depois quando já era professora na Educação Superior, no curso de Pedagogia, como a Eide Cristiane, que mantinha seu jeito doce e atencioso para com a vida e as pessoas. Reencontrei também Francinéia, que dedicou parte de sua jovem vida atuando como uma corajosa educadora popular e que em uma destas atividades, acidentou-se, se ausentando para sempre de nossas vidas. E outras pessoas de quem não tive mais notícias, mas lembro de seus rostos, gestos e sorrisos...

Na parte da noite, ainda nesta época, permanecia na mesma escola e ministrava aulas de alfabetização para uma turma de homens e mulheres de 19 a 60 anos. Para além das dezenas de cópias mecânicas que solicitava durante as aulas – cópias das famílias silábicas – observei que algumas atividades, diferentes das habituais, eram bem-recebidas e ajudavam na aprendizagem da leitura e da escrita: uma, a cópia do próprio nome por sugestão deles mesmos, e a outra, a escrita de músicas que gostavam. Sem ter muita clareza pedagógica, eu propunha estas atividades, como a leitura “cantada”. Hoje disponho de elementos para entender que o que acontecia ali tinha a ver com uma didática de alfabetização a partir de textos, uma vez que procurava ajustar o que conheciam de memória ao texto escrito possibilitando desta forma o encontro entre a oralidade e a escrita. A música mais solicitada era “Sábado” de José Augusto: “Todo

sábado é assim, eu me lembro de nós dois, é o dia mais difícil sem você, outra vez os amigos chamam pra algum lugar e outra vez eu não sei direito o que vou falar. Quero explodir por dentro inventar uma paixão, qualquer coisa que me arranque a solidão [...]”². Depois, vieram os versinhos engraçados ou os “versos de pé-quebrado” como chamamos no Nordeste brasileiro, que eles, elas não cansavam de pedir para que transcrevesse: “Tanta laranja madura, tanto limão pelo chão, tanto sangue derramado, parece que mataram um boi”; “Vinha vindo no caminho encontrei um buraquinho, fui ver o que tinha dentro, não tinha nada...”; “Joguei meu lençinho branco em cima do cajueiro, ficou lá”; “Subi no muro branco pra ver meu bem passar, ele passou e eu desci”. Hoje sei explicar por que, apesar da minha inexperiência, aqueles jovens e adultos, aprenderam a ler e escrever, pois atividades como essas possibilitam o exercício da leitura e da escrita quando ainda não se dá conta de fazê-lo na perspectiva convencional, tendo em vista uma característica central, o fato de ser estável, de apresentar regularidades e, sobretudo de fazer sentido para eles e elas, conforme Teberosky (2005, p.144): “[...] favorecem o descobrimento das normas convencionais do texto escrito, tanto sobre sua organização textual, sua função e o tratamento de temas quanto sobre os aspectos formais de ortografia, disposição gráfica e pontuação”.

A didática da alfabetização a partir de textos, fundamentada nos estudos da *Psicogênese da Língua Escrita* (Ferreiro e Teberosky 1999) sugere que as atividades de escrever propostas no processo inicial leve em conta os textos estáveis, aqueles que já são do conhecimento de memória do aprendiz, como as parlendas, trava-línguas, canções, poesias, charadas ou adivinhações, pois:

Como são de fácil memorização, permitem que os alunos se concentrem em questões de notação e focalizem sua atenção na escrita das palavras: definir quais e quantas letras usar, como combiná-las

² Disponível em: <http://letras.terra.com.br/jose-augusto> Acesso em: 27/09/2009.

e como organizá-las no espaço do papel. O professor pode propor, por exemplo: letras das músicas preferidas da classe, para ensiná-las a um grupo de crianças menores; adivinhações, para produzir um livro; poemas, para organizar uma coletânea, ou para colocá-los no mural da escola. (Brasil, MEC, 1999, p.75).

Além do aspecto profissional, continuava minha atuação na Universidade, no movimento estudantil, era a secretária na gestão *Senti firmeza*, ao lado de colegas estudantes como Josué Silva, Januário Amaral, Sérgio Rivero, Jorge Werley, Temis Teodora, Raimundinha Pedraça, Joelcimar Sampaio da Silva, Walterlina Brasil, Roberto Farias – que faleceu em 2009. Ali tínhamos discussões constantes a respeito da vida acadêmica da própria gestão da UNIR que até então era monitorada diretamente pelo MEC por meio das administrações pró-têmpores.

Considerando as atividades políticas nas quais já estava participando, em 1987 a militância na APPV – Associação de Professores de Porto Velho, vinculada à ARP – Associação Rondoniense de Professores e a rápida participação na corrente política chamada Caminhando ou Partido Revolucionário Comunista – PRC, posteriormente, fiz minha filiação oficial no Partido dos Trabalhadores. Em junho desse ano, em um parque de diversão, comecei a namorar um estudante do curso de economia, ligado ao PC do B e que também fazia movimento estudantil, o Jorge Werley. Embora no início não tenha tido uma boa impressão política dele, pois tínhamos divergências em alguns pontos da questão estudantil. Mas, o fato de estarmos sempre nos encontrando, dado os eventos políticos, acabamos nos aproximando mais. Disputamos o Diretório Central dos Estudantes – DCE com a chapa Despertar da Glória Dantas e ganhamos. Josué Silva era nosso presidente. E apaixonados, casamos-nos no mesmo ano, embalados pelas canções do Legião Urbana: “Veja o sol dessa manhã tão cinza, a tempestade que chega é da cor dos teus olhos, castanhos [...]”, na verdade, os olhos dele eram verdes.

Uma movimentação histórica de 1988 aliou estudantes, corpo docente e servidores(as) técnicos(as), foi possível rediscutir a

permanência de reitores externos, biônicos e defender a abertura de processos de eleições diretas, traduzidas em palavras de ordem como: “Só reitor eleito merece respeito” ou “A Unir vai virar Universidade”. Este movimento foi ampliado de tal forma que foi para as ruas, e nos muros da cidade de Porto Velho, uma frase ficou muito conhecida: “Xô Lustosa!” Uma referência ao então reitor Álvaro Lustosa Pires que exerceu o cargo no período de 1988 a 1989, depois veio a curta gestão de Vitor Hugo de janeiro a abril de 1989 até chegar à gestão do reitor eleito José Dettoni de 1989 a 1993. Nessa época, eu estava grávida, e mesmo assim fui demitida pelo governo de Jerônimo Santana, em função de participação em uma greve, durou apenas um mês a condição de demitida e por sentença da justiça retomei ao trabalho. Recebi, em novembro de 1988, o convite para trabalhar na Secretaria de Estado da Educação (Seduc), no setor da Educação Infantil. Foi muito interessante porque quem fez o convite conhecia meu trabalho em sala de aula. Na metade daquele ano assumia intensamente a maternidade com um lindo menino no colo, nascia o Marcos Werley. Era muito tranquilo, dormia a maior parte do tempo e logo teve de me acompanhar até o recém-inaugurado *Campus* da Unir de Porto Velho, no km 9 da BR 364 sentido Acre. Ingressei na equipe da Seduc no ano de 1989 e passei a atuar no trabalho técnico-pedagógico, até porque minha formação envolvia docência e a gestão no âmbito da coordenação pedagógica. Dividia meu tempo com a universidade pela manhã, era meu último ano de curso da Pedagogia e à tarde na Secretaria – estudando discutindo e elaborando documentos e diretrizes da prática pedagógica em Educação Infantil: apostilas de sugestões de atividades, proposta curricular e revistas nos cursos de formação periódicos promovidos pela Secretaria sob a competente coordenação da professora Terezinha Nina.

Em Rondônia, o sindicalismo ia se fortalecendo cada vez mais, um fator que influenciou a queda de políticos tradicionais. Nesse contexto, citamos o ex-senador Odacir Soares, que sob a bandeira da defesa do funcionalismo público federal, exerceu um longo mandato parlamentar. Entretanto, o surgimento do Sindicato dos

Servidores Públicos Federais (Sindsef), em novembro de 1989 na cidade de Jaru, a favor da referida entidade, contribuíram para enfraquecer a sua imagem, aliado ao desgaste político que vinha acumulando desde sua ferrenha defesa a Fernando Collor, por ocasião do *impeachment*, pois fazia parte da famosa “tropa de choque” do referido presidente.

Este ano, 1989, no dizer de Zuenir Ventura foi meu ano que não acabou, dado à intensidade de eventos significativos. Estava casada desde 1987, feliz, um ano depois, chegou nosso primeiro filho, e com esse relacionamento ganhei uma grande e acolhedora família: uma sogra fantástica dona Maria Alves, sogro, cunhadas, cunhados, sobrinhas e sobrinhos, presentes na minha vida até hoje. Além desse aspecto pessoal, envolvia-me loucamente nas atividades profissionais da Seduc – ministrando cursos no interior do estado e tentando entender Piaget, Vygotsky e Emília Ferreiro. Ainda arranjava tempo para atuar em defesa dos estudantes, agora não mais no Diretório Central dos Estudantes – DCE, mas como representante estudantil do Conselho Universitário (Consun), instituição de deliberação máxima na Universidade, além de escrever um trabalho de conclusão de curso e pagar as disciplinas que precisei trancar em função do movimento estudantil.

Outra atividade que mobilizava minha atenção era a participação nas comissões pró-sindicato de educação. Com a Constituição de 1988 foi possível pensar em uma organização docente mais sólida politicamente. Nesse debate, havia encaminhamentos diferentes quanto a abrangência do sindicato: um grupo entendia que era melhor que fosse municipal, mas com outros colegas do movimento, apoiamos Roberto Sobrinho; em nosso entendimento, um sindicato forte precisava ter abrangência estadual, o que aconteceu com a criação do Sindicato dos Trabalhadores em Educação do estado de Rondônia (Sintero) em fevereiro de 1989 no município de Ouro Preto do Oeste.

E no País, um evento político da maior importância para sua história, acontecia: a campanha para presidência da República, a primeira desde o golpe de 1964. A figura do “operário rouco e

mão mutilada” como falava em um excelente texto o bispo Mauro Morelli, mobilizava mentes e corações da esquerda brasileira, o que me fazia cantar nas ruas de Porto Velho: “[...] sem medo de ser feliz quero ver chegar. Lula lá brilha uma estrela, Lula lá cresce a esperança, Lula lá no Brasil criança, na alegria de se abraçar [...] Lula lá valeu a espera, pra você meu primeiro voto pra fazer brilhar nossa estrela [...]”.

Nunca foi tão bom assistir TV, principalmente os programas da Rede Povo do Movimento Lula Presidente, apresentado pelo ator Paulo Betti. Havia um coral maravilhoso formado por artistas que apoiavam a Frente Brasil Popular. A esperança estava no ar, eu fazia campanha 24 horas por dia, minha mochila vivia cheia de dois panfletos: um que tinha uma foto do Lula, sorrindo com aquela covinha no rosto e a famosa frase que nos encantava “Sem medo de ser feliz”; e o outro, era uma espécie de cartaz, com uma imagem do Lula elaborada a partir de vários rostos de pessoas anônimas, um mosaico belíssimo, com a inscrição: “Presidente feito de povo”.

O final do processo, com a vitória de Collor, foi algo extremamente doloroso; o que restava, para todos e todas que apostaram naquele sonho foi se agarrar aos versos de Brecht, *Aos que lutam*: “Há aqueles que lutam um dia e por isso são bons. Há aqueles que lutam muitos dias e por isso são muito bons. Há aqueles que lutam anos e são melhores ainda. Porém há aqueles que lutam a vida inteira, estes são os imprescindíveis”³.

Em outubro de 1990, um fato mobilizou a atenção de toda a Rondônia: o assassinato do senador Olavo Pires. De Porto Velho a Vilhena era possível ver os enormes cartazes da campanha, uma sorridente imagem acompanhada de um versículo bíblico: “Se Deus é por nós quem será contra nós?” Parece que alguém, um grupo enfim, foi contra a vida dele. O crime aconteceu em plena Avenida Jorge Teixeira, na frente de uma de suas empresas, a Veículos e Máquinas Ltda. (Vepesa), onde atualmente funciona uma

3 Disponível em: <http://inverta.org>. Acesso em: 12/05/2009.

faculdade privada. O corpo foi velado na Assembleia Legislativa. Passei por perto e um estranho sentimento tomava conta de mim: uma tristeza não autorizada, que senti ao ouvir o *jingle* de campanha que parecia agora mais uma marcha fúnebre – “Olavo, Olavo, Olavo eu contigo de novo, Olavo, Olavo...” pensava no crime violento, 13 tiros, as denúncias de que era envolvido com o narcotráfico, uma fila quilométrica de gente querendo vê-lo. Lembrei que como candidato a governador, era o líder das pesquisas de intenção de votos. Tudo muito confuso...

Na Seduc, no setor de Educação Infantil permaneci desenvolvendo atividades relativas ao acompanhamento das escolas que neste tempo ainda eram mantidas pelo governo do estado no âmbito da coordenação pedagógica. O esforço era de desconstruir a perspectiva autoritária da supervisão escolar, da figura do fiscal da educação, criando possibilidades para a instalação de diálogo com os professores e professoras. Ter vivenciado aprendizagens em outras escolas, como o partido político e o sindicato, aliadas às leituras de Paulo Freire, Moacir Gadotti, Celestino Alves Júnior, entre outros autores e autoras, foi fundamental para o exercício desta função em uma perspectiva dialógica que até hoje inspira a construção de ações coletivas.

Considerações finais

[...] as palavras que vamos pronunciando, todos os movimentos e gestos, concluídos ou somente esboçados, que vamos fazendo, cada um deles e todos juntos, podem ser entendidos como peças soltas de uma autobiografia não intencional que, embora involuntária, ou por isso mesmo, não seria menos sincera e veraz que o mais minucioso dos relatos de uma vida passada à escrita e ao papel. Esta convicção de que tudo quanto dizemos e fazemos ao longo do tempo, mesmo parecendo desprovido de significado e importância, é, e não pode impedir-se de o ser, expressão biográfica [...]. (Saramago, p.1)

A experiência de elaborar esta narrativa possibilitou uma visão de conjunto, um olhar para o trajeto percorrido, a percepção de temas que agora se mostram com mais intensidade, outros com menor visibilidade com implicações em minha formação que, no final das contas me fazem pensar: tudo isso sou eu, mas quem eu sou? Talvez os versos da Banda Quilomboclada do estado de Rondônia, ajudem:

[...] Eu me apresento sou negro e caboclo, afro-indígena daqueles bem loucos [...]. Eu sigo em frente, minha aldeia é diferente já quebramos a corrente que você nos colocou, Paulo Freire me ensinou hoje eu sei a diferença do oprimido e do opressor eu 'tô de boa', eu 'tô na proa' se vacilar eu viro essa canoa. Soul Quilomboclada [...].

O ato de relembrar situações alegres, tristes, desagradáveis, felizes, engraçadas ou comovedoras, na infância ou fase adulta, permitiu processos de revitalização do pensamento, a medida que, além de ampliá-los, de forma mais evidente puderam dialogar com o que sou hoje e com as minhas projeções futuras: um exercício de auto (formação) que evidencia influências, escolhas e, sobretudo que apresentam elementos a respeito de uma tendência ou comportamento formador.

Referências bibliográficas

- BARBOSA, J. J. *História oral e hermenêutica*. Ano I, Nº. 105, Agosto. Centro de Hermenêutica do Presente. Porto Velho, 2002.
- BRECHT, B. *Aos que lutam*. Disponível em: <http://inverta.org> Acesso em: 12/05/2009.
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. de M. e A. J. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- BRASIL. MEC. *Parâmetros curriculares em ação*. Alfabetização. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1999.
- CAMARGO, M. R. R. M. de. *Práticas de escritas de si como espaços de formação*. Educação: Teoria e Prática – v.18, n.31, jul. - dez. Rio Claro (SP), 2008.

- CARVALHO, I. C. M. *Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica*. Horizontes Antropológicos Vol. 9, Nº 19 Porto Alegre, 2003.
- CASTORIADIS, C. *As encruzilhadas do labirinto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- CHAUÍ, M. Os trabalhos da memória. In: BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2 ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.
- CUNHA, M. I. *Conta-me agora!* As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. Rev. Fac. Educ. vol. 23 n.1-2 São Paulo Jan./Dec. 1997.
- FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- FREIRE, P. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- . *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- . *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis*. 2. Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2003.
- LARROSA, J. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascarados*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- . *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Palestra proferida no 13º COLE – Congresso de Leitura do Brasil. Campinas/SP: Unicamp, 2001. <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital> – Acesso em: 30/06/2009.
- LEGIÃO URBANA. *Meninos e meninas*. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/legiao-urbana> Acesso em: 23/03/2009.
- MCLAREN, P. *Multiculturalismo crítico*. São Paulo: Cortez, 1997.
- NEVES, J. G. *Cultura escrita em contextos indígenas*. 2009. 367 p. Tese (Doutorado em Educação Escolar). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2009.
- PÉREZ, C. L. V. *Imagens Caleidoscópicas: as narrativas autobiográficas na formação das professoras alfabetizadoras*. In: 2º Seminário Internacional: As redes de conhecimento e a tecnologia: imagens e cidadania, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <http://www.lab-eduimagem.pro.br/frames> – Acesso em: 23/09/2009.
- PESSOA, S. *Quilomboclada*. Correnteza. Prefeitura de Porto Velho. Fundação Iaripuna. Compact disc. 2004. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/banco> – Acesso em: 12/08/2009.
- POLLAK, M. *Memória esquecimento e silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989.

RIBEIRO, D. *Confissões*. São Paulo: Ed. Cia. das Letras, 1997.

SÁBADO, J. A. *Sábado*. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/jose-augusto>. Acesso em: 27/09/2009.

SARAMAGO, J. *Cadernos de Saramago*. Disponível em: <http://caderno.josesaramago.org>. Acesso em: 25/06/2009.